

BOLETIM DO MOSTEIRO BENEDITINO SÃO JOSÉ: JANEIRO-FEVEREIRO 2017

QUERIDOS AMIGOS E BENFEITORES:

“A religião que vem do céu e verdade, e ela e ela é intolerante com as outras doutrinas” Card. Pie.

Nosso Mosteiro São José tem sustentado desde seu início o supracitado ensinamento do Cardeal Pie. Este tem sido nosso guia no meio da crise da Igreja pela qual estamos passando. Guia com que Nossa Senhor prova constantemente a nossa fidelidade a sua verdade e ao seu Amor.

Isto nos ocasionou a perseguição e o despojamento de nosso mosteiro São José na Colômbia, mas sabemos que este é o preço que o amor de Cristo nos exige, e é deste modo que demonstramos nosso amor que temos por Ele e à sua verdade imutável.

Este é o princípio luminoso que nos tem guiado: “Ganham-se ou perdem-se as batalhas em nível dos princípios. Se esperamos ver a consequências dos falsos princípios para reagir perderemos a batalha, e já será demasiado tarde para reagir”.

Em matéria de fé temos vários princípios que não se podem alterar sem sermos culpados de trair a Cristo:

“Quem não está comigo está contra mim”.

“A Igreja Católica é a Igreja de Cristo” (Catecismo Tradicional)

“A Igreja Conciliar é uma Contra-Igreja” (Dom Antônio de Castro Mayer, Publicação aos padres de Campos #33)

Há uma “Incompatibilidade radical entre a Igreja Católica e a Igreja conciliar” (Dom Marcel Lefebvre, Sermão em Ecône, 29 de Junho de 1976)

E o espírito do Concílio manifestou-se claramente em todo o Vaticano II. O Concílio Vaticano II criou outra religião e a quis impor com engano a toda a Igreja Católica através da obediência cega. O fruto mais querido deste Concílio foi a nova missa. Necessariamente deve-se considerar como intrinsecamente mau a tudo o que flui desta nova religião do Vaticano II, que não é a religião católica, e a religião da Igreja Conciliar (“Este novo rito da missa expressa uma nova fé, uma fé que não é a nossa, uma fé que não é a fé Católica” Dom Lefebvre, Idem).

Então, por que se tem dito que a Igreja conciliar, também conhecida como oficial, traiu a Jesus Cristo? Porque a Igreja conciliar abraçou os princípios maçônicos de liberdade, igualdade e fraternidade (liberdade religiosa, colegialidade e ecumenismo), idéias revolucionárias contrárias a la Igreja Católica e **CONDENADA POR ELA PRÓPRIA MUITAS VEZES**. Essas máximas diabólicas misturadas com a aparência de religião católica é o que se chama nova religião.

Como consequência dos princípios 1 e 2, antes mencionados, ninguém pode dizer que o Vaticano II tem um porcentagem de coisas boas (“95% do Concílio Vaticano II é aceitável” Dom Fellay, revista La Liberté, 11-05-2011), ou que a missa tem algo de bom (“ Há algo de bom na missa nova”, Dom Tomás de Aquino, em defesa de Dom Williamson II). Ou que a Igreja Conciliar “tem algo de católico” (Dom. Williamson, Eleison 445).

Seguindo o mesmo princípio, ninguém pode se associar e, menos ainda, integrar-se a esta nova religião do Vaticano II (compromissos, concessões mútuas, e, brevemente, a Prelazia pessoal que será concedida a FSSPX dentro da Igreja conciliar).

De modo similar, ninguém pode aceitar que alguém permita, ou que não condene esta associação adúltera da FSSPX com a Igreja Conciliar (a política de apenas luz amarela e não luz vermelha que ensinam os 3 bispos “Resistentes” com respeito a todos aqueles que querem seguir associados a FSSPX).

Há outras doutrinas ensinadas por estes bispos que aproximam perigosamente os fiéis deste espírito adúltero da Nova Igreja Conciliar. Podemos mencionar com exemplos a recomendação dos livros heréticos e proibidos de Valtorta; ou o ensino da existência de “milagres” eucarísticos na nova missa (“apesar” da nova missa eles poderiam existir, mas nunca através da nova missa).

Esta atitude da FSSPX, dos três bispos da “Resistência”, e de seus seguidores rompe flagrantemente com os dois princípios inalteráveis mencionados no início da explicação. Já não se pode considerar a nenhum deles como defensores da fé, enquanto não mudarem de doutrina. E contra todas as aparências, tampouco são seguidores de Cristo, nem dos santos, nem de Dom Lefebvre.

Estão perdendo a batalha e lutando contra os interesses de Cristo. Enquanto não retificarem seu caminho, temos que nos afastarmos deles. Aproximar-nos-emos deles quando falarem e agirem como bispos católicos. Mas, que fique claro que nunca deixaremos de rezar por eles, nem de praticar a caridade com as suas almas.

Já faz um pouco mais de um ano que os bispos da chamada “Resistência” caíram nestes graves erros doutrinários, já seja por palavra ou por cumplicidade silenciosa. Alguns deles, bispos ou sacerdotes, perceberam os erros, mas amaram mais os vínculos de amizade que a verdade. Preferiram defender a seu companheiro a defender a verdade. Um deles até chegou a dizer: “eles fazem mais coisas boas que más”, quebrando assim o princípio: em matéria de fé ou se está com Cristo ou contra Cristo; ou se ensina tudo, ou não se está ensinando ou defendendo nada).

Esta atitude deles todos nos obriga a continuar a batalha, apesar deles, para não ter que baixar as armas do combate por respeito humano. Por caridade, devemos os admoestar e dar-lhes exemplo, convidando-os ao martírio contínuo e à gloriosa perseguição e sofrimento; herança dos que lutam a boa luta da fé. Oremos para que estes seis bispos tradicionais (da FSSPX e da “Resistência”) saiam de seus sono, de sua trincheira confortável, para que com a graça de Deus levantem-se como o fez em outro tempo David, que sabia como pastorear rebanhos, e combater ao Goliath com a força de Deus para salvar o seu povo, povo que agora é somente um remanescente, mas remanescente fiel, filhos de Deus, filhos conquistados com o preço do Preciosíssimo Sangue de Jesus Cristo para alcançar para eles a felicidade do Céu.

O eminentíssimo Cardeal Pie nos advertia do motivo das quedas tão dolorosas e que podem acontecer com qualquer um de nós se não nos colocarmos em guarda com a armadura da fé e a fidelidade aos princípios:

“Os próprios cristãos, vivendo no meio dessa atmosfera impura, não tem evitado totalmente seu contágio: aceitam demasiado facilmente muitos dos erros. Fatigados de resistir nos pontos essenciais, amiúde cansados de lutar, cedem em outros pontos que lhes parecem menos importantes, e nunca percebem - as vezes porque não querem se pecar - até onde poderão serem levados por sua imprudente debilidade.

Entre esta confusão de idéias e de falsas opiniões compete-nos, sacerdotes da verdade incorruptível, adiantar-se e censurar com a ação e com a palavra, satisfeitos se a inflexibilidade rígida de nosso ensinamento pode deter o transbordamento da mentira, destronar princípios errôneos que reinam orgulhosamente nas inteligências, corrigir axiomas funestos admitidos...

Nossa época grita: Tolerância! Tolerância!” Admite-se que um sacerdote deve ser tolerante, que a religião deve ser tolerante. Meus irmãos: em primeiro lugar, nada iguala a franqueza, e venho lhes dizer sem rodeios que não existe no mundo mais que uma só sociedade que possui a verdade, e que esta sociedade deve ser necessariamente intolerante.

...E da essência de toda verdade não tolerar o princípio contraditório. A afirmação de uma coisa exclui a negação dessa mesma coisa, como a luz exclui as trevas. Ali onde nada é certo, onde nada é definido, os sentimentos podem estar divididos, as opiniões podem variar. Compreendo e

peço a liberdade nas coisas discutíveis: In dubiis libertas. Condenar a verdade à tolerância é forçá-la ao suicídio.

A afirmação se aniquila se ela duvida de si mesma, e duvida de si mesma se permanece indiferente a que a negação se coloque a seu lado. Para a verdade, a intolerância é o anelo da conservação, o exercício legítimo do direito de propriedade. Quando se possui, é preciso se defender, sob pena de ser em breve totalmente despojado. Por isso meus irmãos, pela própria necessidade das coisas, a intolerância é necessária em tudo, porque em tudo há bem e mal, verdade e falsidade, ordem e desordem; em todas as partes o verdadeiro não suporta o falso, o bem exclui o mal, a ordem combate à desordem”.

Com a benção e a união de orações,

Padre Rafael José Arízaga, OSB

Prior do Mosteiro de Sao José